

## *Espaço e história nos EUA e no Brasil*

---

*Rubem Barboza Filho*

### *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*

*Lucia Lippi Oliveira*  
*Belo Horizonte, UFMG, 2000.*

Em boa hora aparece este *Americanos: representações de identidade nacional no Brasil e nos EUA*, de Lucia Lippi Oliveira. Tema nobre e antigo em nosso pensamento social, registra José Murilo de Carvalho na orelha do livro, a comparação entre Brasil e Estados Unidos continua decisiva para nós, especialmente num momento em que as tradicionais auto-representações de identidade nacional dos dois países se vêem desafiadas pelo turbilhão de mudanças das últimas décadas. Se é verdade, como sustenta Habermas (1997), que estamos transitando da sociedade moderna para sociedades complexas – ou pós-modernas, numa acepção menos rigorosa –, com déficits utópicos iniciais, a reabilitação

da temática Brasil-EUA pode constituir oportunidade privilegiada para uma reflexão cosmopolita e produtiva a respeito de nossas possibilidades de futuro.

É o que faz Lucia Lippi. Ao reunir um conjunto de ensaios, escritos ao longo da última década, ela já nos presta um primeiro e grande favor: mapeia, com cuidado, os principais lances dessa recorrente comparação entre os dois países, própria de nossa história intelectual e de nossas ciências sociais. E anota uma surpreendente desatenção do campo da história para com o tema, que atribui à obsessão dos historiadores pela Europa, a França em particular, e à preponderância de premissas e conceitos retirados da escola dos *Annales*, da década de 50, ou do marxismo europeu dos anos 60. Nesse ponto, a autora volta a nos prestar – aos historiadores, cientistas políticos e antropólogos – um segundo e grande favor: pela angulação da história das idéias, e valendo-se com brilhantismo de uma bibliografia que ela reclama – com razão – desconhecida entre nós, constrói um grande panorama de como os EUA produziram seus poderosos mitos unificadores, cruciais para uma nação que se erguia incorporando levas sucessivas de imigrantes, com suas diferenças e particularidades. E arremata esse panorama assinalando o dilema trazido pelo multiculturalismo, horizonte predominante hoje nos Estados Unidos: a necessidade de manter uma noção universal de cidadania e, ao mesmo tempo, de acolher um avassalador processo de diferenciação interna, que se desdobra contra os valores que cimentaram a unidade política da nação. Esses dois claros favores de Lucia transformam o seu livro em peça imprescindível para o desenvolvimento mais rico, preciso e informado da comparação entre os dois países.

Mas é possível dizer que este *Americanos* nos traz ainda um terceiro e enorme favor. Ao articular o seu livro sobre dois eixos centrais, explora e sanciona as duas angulações mais adequadas e frutíferas para a retomada desse nobre e velho tema. A primeira dessas angulações consiste num trabalho arqueológico em busca das grandes premissas sociais e culturais que redundaram em trajetórias e modalidades de vida distintas no Brasil e nos EUA, e aparece no livro, de forma mais explícita, sob a rubrica do debate Iberismo x Americanismo. Na sua versão mais atualizada, essa polêmica encontra-se exemplarmente organizada no segundo capítulo, que contém os principais momentos da esgrima de Richard Morse – o autor do brilhante *O espelho de Próspero* – com José Guilherme Merquior e Simon Schwartzmann, dois dos principais críticos de Morse.

Lucia não deixa escapar a questão central do debate. Morse, um norte-americano cético a respeito dos pressupostos libertários e universalistas de sua sociedade, quer redimir os Estados Unidos, tentando arrancar da tradição ibérica transplantada para a América as generosas premissas comunitaristas que, reativadas, poderiam oferecer um horizonte mais promissor ao Ocidente e alternativo àquele do Grande Desígnio norte-americano. Merquior e Schwartzmann, con-

cordando com a tese de Morse a respeito da particularidade ibero-americana no Ocidente – um “outro” Ocidente, no dizer de Merquior –, querem salvar o Brasil, encontrando na tradição trazida de Portugal e Espanha o repositório de maldições que nos impedem de realizar aquilo que os Estados Unidos atualizaram com perfeição, ou seja, os valores democráticos e fáusticos do Ocidente. E, se nesse capítulo Lucia adota um tom equidistante, afirmando sua intenção de fixar “quem diz o quê e de que posição está falando” (p. 66), no decorrer do livro revela sua insatisfação com as perspectivas que atribuem nossos males presentes a uma perversa herança ibérica, capturada por lentes saqueadas do pensamento weberiano.

Certamente ela não recusa o valor de categorias como patrimonialismo, personalismo, cooptação, entre outras de filiação weberiana. Valendo-se, no entanto, de Jessé de Souza (1999), salienta o desencanto de Weber pelo Ocidente e suas manifestações mais exitosas, e assinala o risco da hipóstase da experiência norte-americana em modelo de virtudes e perfeições, risco sempre presente nas grandes denúncias da tradição ibérica em favor de nossa ocidentalização ao modo norte-americano. Incorporando a contribuição de Luiz Werneck Vianna, especialmente o seu *A revolução passiva* (1997), Lucia chama a atenção para a existência de ricas e tensas relações entre tradição e modernidade em nossa trajetória, complexidade que exigiria a produção de um horizonte teórico mais ambicioso e capaz de dizer o que fomos, somos e podemos ser, ao invés de outro que nos diz o que não fomos e o que devemos ser, de um ponto de vista supostamente universalista, mas abstrato e duro.

E creio que Lucia contribui decisivamente para a elaboração desse horizonte mais complexo ao retirar das sombras a categoria do espaço, o eixo de sua segunda grande angulação para a comparação Brasil-EUA. Sua hipótese básica é que “(...) nesses dois países, a geografia teria fornecido o mais forte embasamento para a construção dos modelos de identidade nacional que tiveram maior êxito” (p. 11), mas geografia retirada da natureza e historicizada de modo particular. No caso do Brasil, a autora recupera a longa tradição que enxerga no espaço, na natureza metageograficamente concebida, o elemento determinante da identidade da sociedade que se edificava nos trópicos. Relembra o espanto de Caminha, a desconfiança dos jesuítas, a celebração romântica ao tempo do Império, as obras de Taunay, de Afonso Celso, de Euclides, o regionalismo literário acoplado ao modernismo, o pensamento de Viana Moog – que ganha um capítulo específico –, a obra de Rondon, a historiografia relativa aos bandeirantes paulistas. Autores e correntes em que a consciência do espaço, de sua territorialidade, e a ambição de dominá-lo se articulam para a construção de um projeto para a nação.

Tradição espacial e territorialista que pode ser encontrada também nas formulações identitárias norte-americanas. Lucia ressalta as vinculações entre o espaço e o programa da democracia agrária jeffersoniana, a exigir uma contínua incorporação de novos territórios para sua realização. Ilumina os nexos entre o mito espacial da fronteira, desenvolvido por Turner, Roosevelt, e a idéia da excepcionalidade dos EUA, materialização de uma república democrática e livre dos constrangimentos do espaço europeu. Retoma e analisa a valorização da *wilderness* da tradição protestante, de Thoreau e Cole, como possibilidade oferecida por Deus para um destino único dos EUA, ou seja, a construção de um “jardim” que recuperava para o homem a idéia do paraíso terrestre. As figuras da fronteira, do oeste, da *wilderness* sustentaram a autoprojeção dos Estados Unidos como espaço onde se poderia edificar uma sociedade ‘excepcional’, uma nação que poderia “(...) deixar a história para trás e construir o seu destino no reino da natureza” (p. 125).

Penso que essa revalorização do espaço, no livro de Lucia, não se dá como recuperação de um aspecto, entre outros, da vida norte-americana ou brasileira. Uma rápida visita à Europa talvez ajude a perceber a importância que nossa autora confere ao espaço. Ocupada, povoada, mapeada, reconstruída pela mão do homem, a Europa Ocidental – a medieval, a moderna e a contemporânea – esteve sempre torturada por uma modalidade específica de consciência histórica, alimentada pela presença de ruínas, monumentos e resquícios do passado. Ela encontrou no tempo, pela ausência de espaço, a matéria e o recurso para a solução de seus desafios, tempo racionalizado como história, como fluxo evolutivo incondicionado, ritmado por transformações profundas, por revoluções e poderosos sujeitos sociais em conflito. Nos Estados Unidos e no Brasil, a imensidão do espaço e as possibilidades de uma natureza ainda indomada, instituíram uma outra vivência do tempo e submeteram seu fluxo a outra dicção. Essa dádiva quase infinita de Deus, visão norte-americana da natureza, ou esse monstro de pura imensidão, percepção barroca da América Ibérica, não acolheu como seus os personagens e heróis da Europa, exigindo a escultura de tipos novos, de figuras emblemáticas das virtudes necessárias a um outro ambiente. Foi no espaço que os brasileiros e norte-americanos plantaram seus modelos de excelência, de algum modo preservados na sociedade industrial e urbana que os dois países lograram construir, ainda que de modo diverso. Se isso é verdade, talvez os nossos mitos unificadores estejam a reclamar de nós, cientistas sociais americanos, o empenho em uma nova “redução sociológica” e histórica, através da produção de categorias mais apropriadas para enquadrar a nossa “história” e nosso movimento.

Por ter levantado essa questão, pelos inúmeros favores que nos presta, e por múltiplas razões que o espaço – quem diria! – não permite destacar, este

*Americanos* é um belo livro. Escrito com rigor e paixão, é certamente uma nova referência para as nossas ciências sociais.

*Referências bibliográficas*

HABERMAS, Jürgen. 1997. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

SOUZA, Jessé de (org.). 1999. *O malandro e o protestante; a tese weberiana e a*

*singularidade cultural brasileira*. Brasília, UnB.

VIANNA, Luiz Werneck. 1997. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro, IUPERJ/ Revan.